QUARTA, 01 DE JULHO

VIGILANCIA

*“Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.” (Mateus 25.1-2)*

Jesus anunciou a chegada do reino dos céus (Mc 1.15) mas, em Mateus 25, Ele fala do reino em termos futuros: “o reino dos céus será”. Ele está se referindo à consumação do reino, quando irá voltar e estabelecer para sempre o reino de Deus. Por enquanto o reino anunciado, que alcança pessoas e muda suas vidas, é ainda parcialmente visto e conhecido. Ainda é confundido com expressões de fé e até aparatos religiosos. Falamos da nossa igreja como sendo ‘a Igreja de Cristo’. Falamos do ‘povo de Deus’ nos referindo, por exemplo, aos evangélicos. Mas o trigo e o joio ainda estão misturados. Nem todo evangélico é povo de Deus! Porém, na consumação do reino, essa confusão acabará.

Jesus fala daquele dia contando a parábola das dez virgens. Elas estavam esperando o noivo e, até então, todas eram iguais. Faziam parte do mesmo grupo. Mas quando o noivo chegou revelou-se uma diferença determinante. Nem todas estavam prontas de fato. Nem todas estavam “esperando o noivo”. Por isso quando o noivo chegou apenas metade delas entrou nas bodas. As outras cinco ficaram de fora e, embora tentassem remediar a situação, era tarde demais. Jesus diz que será assim na consumação do reino dos céus. E conclui a parábola dizendo: “Portanto, vigiem porque vocês não sabem o dia nem a hora!" (Mt 25.13) O que isto significa?

“Nem todo que diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus” (Mt 7.21). Os cidadãos do reino são vigilantes. Eles vivem como quem verdadeiramente espera pelo reino de Deus. Para eles o reino e sua justiça são prioridades. Eles usam os recursos daqui com o cuidado de honrar a Deus e assim ajuntam tesouros lá, enquanto outros que pensam fazer parte do reino, pretendem usar os recursos de lá para ajuntar tesouros aqui. O que Jesus está nos ensinando não é que, por meio da vigilância, alcançaremos o reino, mas que os cidadãos do reino são vigilantes e vivem a vida terrena sem perder de vista a vida eterna. Diante disso, julguemos a nós mesmos: há evidências em nossa vida de que entraremos no reino de Cristo?

*ucs*

QUINTA, 02 DE JULHO

GESTÃO

*“E também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem.” (Mateus 25.14-15)*

Neste capítulo de Mateus Jesus está nos ensinando sobre como serão as coisas na consumação do Reino. Hoje nos relacionamos com o reino de Deus muitas vezes iludidos por aparências. Há os que se acham cheios de autoridade e agem como se lhes coubessem o comando da vida dos outros. Há quem se julgue o padrão do reino e julgam que só entrarão lá os que se parecem com eles. Mas Jesus nos convida a uma avaliação pessoal, a ter cuidado pois os verdadeiros cidadãos do reino não vivem de aparências. Eles manifestam certas evidências. Não devemos nos enganar com os arranjos de nossa religiosidade, que nos deixam confortáveis porque cumprimos seus requisitos.

Na segunda parábola deste capítulo o tema é “gestão”. Cada pessoa neste mundo tem talentos, tempo, influência e oportunidades. A despeito do mundo mal e injusto em que vivemos, os cidadãos do reino vivem o compromisso de honrar a Deus e servir ao próximo. Eles resistem à atitude egoísta de viver apenas para si mesmos. Eles reconhecem que tudo vem de Deus e são gratos. Para eles as coisas daqui são desejáveis e importantes, mas as coisas do reino são fundamentais e indispensáveis. Por isso suas agendas pessoais são marcadas pelo compromisso de honrar a Deus e servir ao próximo, valorizando tanto isso quanto os objetivos e sonhos pessoais.

Nem todos temos o mesmo neste mundo porque temos competências e histórias diferentes. Além disso, neste mundo mal, a injustiça afeta a todos, o que também nos diferencia no que possuímos e nas oportunidades. Mas, independente de tudo isso, podemos escolher um estilo de vida comprometido com a vontade de Deus. Vontade que Ele já declarou e nos pede amor a Ele mesmo sobre tudo e ao próximo como a nós mesmos. Se somos cidadãos do reino, o Espírito Santo nos guia em toda verdade para resistirmos às ilusões que nos levam a gerir mal o que Deus nos dá. É assim que agem os cidadãos do reino e Jesus nos preveniu disso para que possamos nos avaliar. Afinal, “nem todo que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no reino dos céus. Mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus”. (Mt 7.21).

*ucs*

SEXTA, 03 DE JULHO

O DIA DO JUIZO

*“Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes.” (Mateus 25.31-32)*

Das três parábolas contadas por Jesus em Mateus 25, a última delas é a mais intrigante. Nela Jesus diz que irá separar dois grupos. Um dos grupos será composto por pessoas cuja biografia está cheia de boas atitudes para com os necessitados. Eles alimentaram, vestiram, visitaram, hospedaram, cuidaram... E Jesus diz: “vocês fizeram tudo isso por mim quando fizeram por eles”. E isso surpreende essas pessoas. Elas não esperavam ser recompensadas. Isso indica que suas ações eram motivadas por amor e compaixão e não por interesse ou com segundas intenções. A elas está reservado o reino. Mas há um outro grupo.

Um grupo de pessoas que se negaram a praticar aquelas mesmas obras que o primeiro praticou. Talvez tivessem praticado outros tipos de obras. Talvez tivessem entregado dízimos e ofertas e sido zelosos em atividades religiosas. Eles também ficam surpresos – não imaginavam que tudo aquilo era importante e que, ao abandonar o necessitado, estavam abandonando o próprio Jesus. Eles, provavelmente, criam em coisas certas mas não viviam em conformidade com elas. E descobriram, da pior maneira, que não eram cidadãos do reino. Jesus já havia avisado: gente que profetizou, expulsou demônios e fez milagres em Seu nome seria surpreendida por ter a porta do reino fechada para eles (Mt 7.22-23).

Vinte e um séculos depois de Cristo, com tantas igrejas, tantos livros de teologia, tantas músicas, pregações e pregadores, o que é o Evangelho de Jesus, o Reino de Deus? Cada domingo, dependendo da igreja que visite, ouvirá coisas muito diversas. Mas Jesus Cristo é o mesmo e os cidadãos do Reino são pessoas cujas atitudes honram a Deus e revelam amor ao próximo. Se tudo parece confuso hoje, não será assim para sempre. O reino será consumado por Cristo e os cidadãos do reino serão revelados. Ainda temos que avaliar se evidências fazem parte de nossa vida ou se tudo o que fazemos é dizer ‘Senhor, Senhor’.

*ucs*

SÁBADO, 04 DE JULHO

QUEM SOU E COMO VIVO

*“Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temer, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: ‘Aba, Pai’. O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Romanos 8.15-16)*

“Nem todo que me diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos céus, mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7.21). Palavras de Jesus. Evidências religiosas apenas não bastam. E mesmo entre os que realizam coisas espetaculares, como profetizar, expulsar demônios e operar milagres, haverá os que ouvirão um sonoro ‘afastem-se de mim’ dito por Jesus (Mt 7.23-23). A vida dos cidadãos do reino de Deus revela, necessariamente, as evidências de quem é filho de Deus, do Deus amoroso e gracioso. E pelo amor e perdão recebidos são capacitados a viverem vidas novas. São pessoas definitivamente marcadas pela presença e testemunho do próprio Deus.

Deus veio em nossa direção e realizou na história a história da salvação. Pela fé em Cristo Jesus (Jo 1.10-13) somos feitos Seus filhos para vivemos de uma nova maneira. Não estamos sozinhos pois Ele nos deu o dom do Espírito Santo (Ef 1.13-14). E isso tudo é poderoso demais para não gerar consequências em nossa vida! Há uma presença real de Deus. Ele habita conosco e edifica em nós uma nova identidade. Ela é fundamentada na certeza de que somos filhos amados do Pai Celeste. Se nos esquecermos disso, agiremos como se não fossemos filhos de Deus. E se agirmos como se não fossemos filhos de Deus, nos esquecemos de que somos. Nos esqueceremos de quem verdadeiramente somos.

Jesus avisou aos discípulos: "Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca". (Mt 26.41) A pior das tentações em que caímos e a da distração que nos leva a viver esquecidos de nossa cidadania celeste. E se nos esquecermos iremos agir, reagir, priorizar, gastar, lutar de forma equivocada. Jesus nos lembra na parábola do filho pródigo que há duas formas de cair nessa tentação: afastando-nos da família dos filhos de Deus (o filho mais jovem) e ficando nela de forma egoísta e interesseira (o filho mais velho). Tenha cuidado. Lembre-se: não basta dizer ‘Senhor, Senhor’.

*ucs*

DOMINGO, 05 DE JULHO

O OLHAR DE DEUS

*“A alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola: ‘Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano.’” (Lucas 18.9-10)*

A autoconfiança é muito buscada e valorizada no mundo de hoje. Ela significa que seu possuidor está sempre (ou quase sempre) pronto para agir, demonstrando segurança e iniciativa. São estes os que têm mais chances de rapidamente crescer nas organizações modernas e normalmente atraem olhares. Mas diante de Deus os critérios são outros. Sua visão de mundo é anunciada a partir de um reino em que as coisas funcionam de forma muito diferente. Jesus contou uma parábola para dizer isso a alguns “que confiavam na própria justiça e desprezavam a outros”.

Há algo em nós, em nossa natureza caída, que sempre será vulnerável à corrupção. Podemos aprender intelectualmente e 100% concordar com o fato de que orgulho e presunção são coisas a serem evitadas. Mas isso não nos imuniza, não garante que conseguiremos evita-las. Somos tão corruptíveis que podemos fazer as coisas certas por razões erradas – como entregar o dízimo (o que é certo) para poder receber bênçãos (o que é errado). Podemos também, depois de ter feito o que é certo e até mesmo pela razão certa, achar que, por isso, somos melhores ou superiores aos demais, corrompendo o fruto da justiça que praticamos. Por isso ser cristão não é uma carreira solo: precisamos e Deus e de pessoas ao nosso lado!

Jesus contou a parábola do fariseu e do publicano e, como outras, deve ter intrigado bastante seus ouvintes. O fariseu, que tanto sabia da Lei e que procurava praticar com zelo suas orações e jejuns, “andando” tanto com Deus demonstrou um coração reprovável a Deus. O publicano, um transgressor reconhecido da lei, possivelmente envolvido em tantas coisas que Deus desaprovava, manifestou um coração quebrantado e atraiu o olhar de Deus. Deus não vê pessoas como pessoas veem umas às outras. A relação com Ele é misteriosamente fiel aos Seus princípios. Ele sempre quer nos guiar pelo caminho seguro. Afinal, nem todo que diz “Senhor, Senhor” pertence ao Reino!

*ucs*

SEGUNDA, 06 DE JULHO

PARA OS QUE VÃO (OU NÃO) AO TEMPLO

*“Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano.” (Lucas 18.10)*

O templo é um dos lugares mais significativos para a fé cristã. Para a maioria de nós, significativo até demais. Convencionamos chama-lo de igreja e assim saímos de casa para ir à igreja. E, indo à igreja, não percebemos o que, ou melhor, quem, é ela de fato. Tendo em mente um prédio, nos esquecemos das pessoas. Gastamos muito mais com o templo do que com pessoas. Nos preocupamos com o lugar e nem sempre o bastante com as pessoas. Porém, jamais deveríamos agir assim porque um prédio jamais será uma igreja. Temos o dever de sermos mais zelosos com as pessoas do que com tijolos, madeira e tinta. Se cremos no Deus revelado por Jesus, é assim que deve ser.

Também gostamos de dizer que o tempo é a casa de Deus. Quando oramos no templo, costumamos dizer “obrigado Senhor por estamos na tua casa”. E assim, sacralizando o prédio, perdemos de vista o que tantas vezes foi ensinado e está nas Escrituras: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há é o Senhor do céu e da terra, e não habita em santuários feitos por mãos humanas.” (At 17.24) E, principalmente: “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?” (1Co 6.19) Acabamos nos tornando reverentes no prédio e irreverentes na vida. Lembramos de Deus no templo e esquecemos em casa.

O fariseu e o publicano foram ao templo. O templo é lugar que pessoas vão por causa da fé. Tanto por tê-la quanto por sentirem falta dela. O sentido do templo está nas pessoas nele reunidas por causa de Deus. Elas são de todo tipo, de toda idade, de todo nível intelectual, com todo tipo de temperamento, pecados e características. No templo devemos aprender sobre o Deus que nos amou e nos dá vida; sobre a vida que Ele deseja que vivamos. Sobre esperança, fé e amor. Arrependimento, serviço e confissão. Sobre o valor da vida e a brevidade do tempo. Há tantos templos e tantas pessoas. E há um só Deus com quem devemos aprender a lidar com templos e com pessoas. Ele, por amor a pessoas, enviou Seu Filho. Amemos a Deus mais que a tudo e às pessoas mais que aos templos!

*ucs*

TERÇA, 07 DE JULHO

O PERIGO MORA DO LADO DE DENTRO

*“O fariseu, em pé, orava no íntimo: Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano.” (Lucas 18.11)*

O orgulho não precisa ser algo declarado para nos fazer mal. Pode ser algo que silenciosamente habita o nosso íntimo, onde ninguém o vê. Nossas palavras podem disfarça-lo, mas jamais eliminarão seus efeitos. Ele nunca nos fará bem pois é fruto de engano, de contas mal feitas. No caso do fariseu da parábola de Jesus o orgulho direcionou até mesmo sua oração, aparentemente piedosa ao atribuir a Deus a razão de não estar ali sob o peso da culpa. Mas logo revelou-se carnal, fazendo comparações e desprezando os outros. Contrariando o que Paulo ensinaria mais tarde: “Assim, aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia!” (1Co 10.12).

O fariseu acreditava ser alguém superior aos demais. Embora tivesse dito “graças te dou ó Deus”, atribuía sua firmeza e retidão a si mesmo, revelando desconhecer o próprio coração e as próprias fraquezas. Mais que isso e pior: ele desconhecia o Deus com quem estava falando. Iludido com sua retidão ignorou que orar a Deus é uma graça – favor imerecido. Por mais puro que sejamos jamais nossa comunhão com Deus será fruto de nossa justiça. Colocados diante de Deus (que verdadeiramente é Santo), nossos melhores atos são como um pano irremediavelmente sujo, ao ponto de sujar ainda mais qualquer coisa que tentássemos limpar com ele (Is 64.6). Mas nosso orgulho pode nos iludir, como fez com o fariseu.

A religião pressupõe um padrão ético – o que é bom – mas nosso orgulho pode esse padrão ético em um critério para separar bons e maus. Devido ao orgulho, os “bons” facilmente tornam-se insensíveis, frios e presunçosos; iludimos sobre si mesmos e cruéis com os outros. Então se estabelece a cultura do “nós-eles”. “Nós” indica os de dentro, autorizados a julgar e condenar; “eles”, os de fora, que devem conhecer a condenação para serem levados ao arrependimento. Assim, acredita-se, “eles” virão a “nós” para serem como “nós”. Seria este o caminho do evangelho? Não. Paulo compreendeu o evangelho e declarou: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior.” (1Tm 1.15)

*ucs*

QUARTA, 08 DE JULHO

RAZÕES CERTAS

*“Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.” (Lucas 18.12)*

Esta declaração é parte da oração do fariseu da parábola de Jesus. Ele está no templo e um publicano também está lá. Como fica claro, ele levava a sério o jejum e o dízimo. O jejum, algo tão mal compreendido em nossa cultura, é bastante comum, ainda hoje, no oriente. Seu propósito é exercitar a auto negação, a mortificação do corpo e a priorização do espírito. Entre nós tornou-se uma forma de obter favores de Deus – jejua-se para receber alguma coisa. Isso é um desvio e é incoerente com o princípio da graça. Ele também dava o dízimo de maneira fiel – de tudo quanto ganhava. Que pastor não gostaria de uma ovelha assim?!

Mas há um problema que Jesus, por meio da parábola, vai deixar claro: ele estava sendo muito zeloso com o jejum e o dízimo e fracassando no amor. E o amor é indispensável na vida com Deus. Sem ele, tudo que fazemos, ainda que correto, se corrompe. Paulo disse que nada tem valor sem amor (1Co 13). Por isso uma pessoa cristã não é uma boa cristã apenas porque vai ao templo, faz orações e entrega dízimos. Mas, e fundamentalmente, porque faz tudo isso por amor e ama o próximo. O compromisso com o grande mandamento (amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos) é o que dá significa aos atos de fé que praticamos.

Sem o amor como motivo, seremos presas fáceis do orgulho. Nossa dedicação nos piorará, nossa fidelidade nos corromperá. Vamos praticar nossas disciplinas de forma interesseira, crendo que assim nos tornamos merecedores e Deus nos abençoará. Vamos desprezar os que “não são tão bons como nós” e condenar quem se atreve a fazer pecados que não fazemos. Um falso senso de dignidade nos conduzirá à presunção e, pensando que estamos horando a Deus, vamos desonra-lo. Devemos ser comprometidos com nossos deveres cristãos e precisamos ser motivados pelo amor a Deus e ao próximo. Só o temor e a dependência de Deus nos fará cristãos assim.

*ucs*

QUINTA, 09 DE JULHO

ARREPENDIMENTO

*"Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador.” (Lucas 18.13)*

Uma das principais experiências da fé cristã é a experiência do arrependimento. Ela é tão central na fé cristã que está presente no anuncio do evangelho feito por Jesus e por João Batista: “Arrependam-se e creiam no evangelho” (Mt 3.1-2 e Mc 1.14-15). Sem arrependimento pessoa alguma é feita cristã e ao longo da vida como cristã toda pessoa se arrependerá várias vezes. Na parábola contada por Jesus o publicano manifestou arrependimento e voltou para casa justificado – sem culpa.

O publicano entrou no templo e ficou à distância, mais atrás, como quem se sente indigno. Ele não ergueu a cabeça e bateu no próprio peito numa expressão de auto reprovação. Ele não queria mais ser quem era. Ele fazia o que sabia que não deveria fazer. E não tinha mais como voltar atrás e consertar as coisas. Na fé cristã isso ainda não é o arrependimento. É a culpa, um peso que tira o prazer e a alegria, que produz uma profunda insatisfação a respeito de si mesmo. A culpa levou o publicano ao arrependimento: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador”. Começou o arrependimento. O arrependimento é o encontro da culpa humana com a misericórdia divina!

No grego a palavra para arrependimento é “*metanoia*” e significa “mudança de direção e de mente”. Envolve nossas atitudes mas é uma mudança possível apenas se a misericórdia de Deus atua em nós. Ela se expressa no perdão que trata o passado, aproxima-nos de Deus e abre novas portas para o futuro. Nova direção e nova mente tornam-se possíveis. Sem a misericórdia de Deus, pecadores ficam onde estão, repetindo-se, por mais que se sintam culpados. Com ela, a culpa leva-nos ao arrependimento, a um “vir-a-ser” promovido pela comunhão com Deus. Essa é a dinâmica de vida que envolve os filhos de Deus. Gente arrependida, mas livre de culpas. Perdoada, mas ciente de que é pecadora.

*ucs*

SEXTA, 10 DE JULHO

JUSTIFICADOS E HUMILDES

*"Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado." (Lucas 18.14)*

A parábola do fariseu e do publicano é cheia de lições e Jesus a encerra aplicando-a diretamente àqueles para quem primeiramente a contou: “alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros” (v.9). Esses “alguns” não são identificados no texto, mas provavelmente tratavam-se de pessoas religiosas. Elas cumpriam zelosamente os rituais, eram reconhecidas por isso e sentiam-se justas. Não roubavam, não adulteravam ou corrompiam-se como as demais. Certamente não frequentavam muitos lugares que os demais frequentavam. Tudo isso as faziam sentirem-se justas e mais próximas de Deus que os demais.

Elas estavam precisando de ouvir uma boa lição sobre humildade. Nós também precisamos. Humildade é um assunto sempre necessário. A mensagem do evangelho é a mensagem do amor e da graça mas, no exercício de nossa fé, nossa religiosidade nos faz esquecer de que foi pela graça e amor que Deus nos incluiu em Seu reino. E, por causa de nosso zelo religioso, nos sentimos separados, diferentes e melhores que os demais. Um certo sentimento de que estamos no reino porque “estamos fazendo por merecer” vai crescendo. E nós, que entramos pela graça e somos sustentados por ela, a negamos aos de fora e aos de dentro que fracassam aos nossos olhos.

Nessas condições trazemos o estilo de vida de fora do reino para dentro da igreja, quando deveríamos encher a igreja com o reino. No reino, “quem se exalta será humilhado” para que volte para o lugar de onde jamais deveria ter saído. O reino é o lugar da graça e um filho do reino deve sempre lembrar-se disso. Por um lado ele pode andar de cabeça erguida, com a segurança de quem nada deve, afinal, foi completamente perdoado. Por outro, deve andar de cabeça baixa e com temor, afinal, só está no reino porque foi perdoado. O que nutre em nós essa atitude cristã e saudável é a comunhão com Deus e não nosso zelo religioso. Só assim, após nossa atividade religiosa, voltaremos para casa justificados e não contaminados.

*ucs*

SÁBADO, 11 DE JULHO

A FÉ, A VIDA E AS PALAVRAS

*“Se alguém se considera religioso, mas não refreia a sua língua, engana-se a si mesmo. Sua religião não tem valor algum!” (Tiago 1.26)*

O que Tiago queria dizer com este verso? Creio ter sido: “se alguém se considera bom e cumpridor da vontade de Deus, mas não refreia sua língua, está iludido sobre a própria fé e espiritualidade”. Um dos sentimentos que a religião pode promover nos que são zelosos em sua prática, é o sentimento de que somos melhores que os outros.. Afinal, toda prática religiosa pressupõe a realização do que agrada a Deus e se estou agradando a Deus e você não, sou melhor que você. Mas Tiago está nos alertando para termos cuidado. Iludidos pelo zelo religioso corremos o risco de dizimar a hortelã, o endro e cominho e desprezar o valor da justiça, misericórdia e fé (Mt 23.23), como disse Jesus aos religiosos do primeiro século.

A fé cristã expressa-se na religião mas nela os ritos religiosos não são um fim em si mesmos. Eles servem de apoio, nada mais. Por exemplo: ir ao templo por si somente não representa a realização da vontade de Deus. Vamos ao templo a fim de sermos fortalecidos para que, ao sairmos do templo, tenhamos mais clareza e compromisso com a vontade de Deus. Este é o sentido! A religião torna-se uma armadilha quanto sinto-me “em dia com Deus” pelo simples fato de ter ido ao templo. É sobre isso que Tiago está falando. E seu ponto é: se sua religiosidade não leva você a ter mais cuidado com suas palavras, ela é pura perda de tempo! Você pensa que está agradando a Deus, mas não está!

Tiago é muito prático e defende que a fé cristã precisa gerar resultados. Não somos “espirituais” se somos fofoqueiros, pois fé, vida e palavras devem andar juntas. Nossas práticas religiosas só fazem sentido se nossas atitudes diante da vida e nosso relacionamento com pessoas as confirmam. Como escreveu João, se dizemos que amamos a Deus e odiamos nosso irmão, estamos mentindo (1Jo 4.20). Tiago diz que precisamos “refrear a língua”, porque nossas práticas religiosas nos conscientizam, mas não nos imunizam do mal. Precisaremos enfrenta-lo e superá-lo, pela fé e com atitudes, de dentro para fora e vice-versa. Todos os dias. E a fofoca é um dos males a serem vencidos. Tenha cuidado!

*ucs*

DOMINGO, 12 DE JULHO

NÃO MAIS PERDIDOS, MAS AINDA PECADORES

*“Todos os publicanos e ‘pecadores’ estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: "Este homem recebe pecadores e come com eles.” (Lucas 15.1-2)*

No capítulo em que lemos estes versos Jesus conta três parábolas. Ele esta na companhia de quem sempre costumava andar com ele: publicanos e pecadores. Mas lá estavam também os fariseus e mestres da lei. E fazendo o que sempre costumavam fazer: criticar Jesus. Então Jesus conta, não apenas uma, mas três parábolas e todas falando de algo perdido que no final é recuperado: a ovelha, a dracma (moeda) e o filho. A ovelha estava perdida e condenada a morte mas o pastor a busca e salva. A moeda estava perdida e por isso desperdiçada, mas a mulher a procura, encontra e recupera. O filho estava perdido, sem amor e sem ter para onde ir. Mas o pai o recebe, perdoa e restaura com grande amor.

Diz o texto que “todos os publicanos e pecadores estavam se reunindo” para ouvir. Eles iam a Jesus porque eram bem vindos. Os fariseus e mestres da lei o criticam por “recebe-los e comer com eles”, o que indica que Jesus ficava à vontade com eles, como fez com a samaritana (João 4). Em Lucas 19 Ele passa por Jericó e hospeda-se na casa do chefe dos publicanos – Zaqueu. E lá declara que veio justamente para buscar e salvar o que se havia perdido (v10). Jesus sabe como lidar com pecadores. Mas nada pode fazer por aqueles que justificavam-se e confiam na própria justiça.

A consciência de perdição é fundamental na experiência cristã. Só é salvo quem se percebe perdido e só vive corretamente a fé quem se reconhece pecador. É esta consciência que nos mantem olhando corretamente para Cristo e para o nosso próximo. A falta dela nos cega e produz o orgulho. Saber que estamos perdidos nos quebranta para a salvação e saber que somos pecadores nos quebranta para a santificação. Uma santificação que resulta da obra do Salvador e coloca em nossos lábios a mesma declaração feita por Paulo: “Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores e mudar suas vidas. Eu sei porque Ele está fazendo isso comigo, o pior pecador” (1Tm 1.15). E aí nossa vida e nossa voz tornam-se testemunho do Cristo que perdoa, ama e transforma pecadores.

*ucs*

SEGUNDA, 13 DE JULHO

O DEUS PODEROSAMENTE FRACO

*“Jesus continuou: Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: Pai, quero a minha parte da herança. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.” (Lucas 15.11-12)*

Jesus está iniciando a parábola do filho pródigo, que é como a convencionamos chamar. O filho mais jovem é um protagonista muito ativo e se movimenta bastante. E é o mais fácil de tentarmos compreender pois temos muito dele, mais dele do que admitiríamos. Mas o personagem central é o pai. Ele é surpreendente e muito difícil de ser compreendido. Há ainda o irmão mais velho e a parábola termina deixando algo fica no ar. O pai tem dois filhos e o mais novo pede ao pai sua parte na herança da família. Um pedido que poderia não ser um grande problema para nós hoje. Mas certamente chocou os que ouviam Jesus.

O pedido do filho caçula provavelmente foi ouvido da seguinte forma pela plateia de Jesus: “Pai, quero agora a minha parte dos bens da família. Não estou disposto a esperar até que o senhor morra. Tenho planos para agora e quero viver minha vida”. Arriscaria dizer que todas aquelas pessoas esperavam que o pai deserdasse o rapaz e o expulsasse de casa. Mas na parábola o pai atende ao filho e reparte a herança como o caçula tanto queria. E reparte para ele e para o mais velho: “ele repartiu sua propriedade entre eles”. Este pai não se enquadrava na mentalidade dos ouvintes. Suas atitudes não faziam sentido para eles.

Ele é uma figura de Deus, que também age de maneira incompreensível diante da rebeldia e descrença humanas. Ele se deixa desrespeitar e é paciente. Sendo dono de tudo nos deixa livres e nos dá direitos que não daríamos a ninguém, se fossemos Ele. As histórias dos deuses da mitologia são marcadas por poder, fúria e vingança, mas Jesus nos fala do Deus de amor, graça e misericórdia. E orienta-nos a orar chamando-o de “paizinho”. É o “Deus Poderosamente Fraco da Bíblia” (livro de Étienne Babute). Temos problemas com esse jeito de Deus. Ele parece fazer tudo ao contrário do que esperamos. Mas nem sempre lembramos do quanto somos favorecidos por esse Deus amoroso, paciente e gracioso. Diariamente.

*ucs*

TERÇA, 14 DE JULHO

PARECIDOS COM O PAI

*“Mas ele respondeu ao seu pai: Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos.” (Lucas 15.29)*

Isto é o que o filho mais velho da parábola do filho pródigo disse ao pai. Diferente do mais moço que havia pegado o que o pai lhe dera e saído de casa, o mais velho ficou. Mas, diante da bondade do pai em aceitar seu irmão de volta, sentiu-se ofendido. Como podia, depois de tudo que ele fez?! O filho que ficou se sentiu injustiçado pelo pai e ficou magoado com o irmão. Era hora de cobrar do pai a fidelidade que havia dedicado a ele. Foram tantos anos de serviço sem desobedecer uma ordem sequer. Foi uma vida de escravo. E o pai não o recompensou. Parece que este pai está sempre perdendo um dos filhos!

O caçula reuniu tudo o que julgava ser seu e foi embora da casa do pai. O mais velho ficou e trabalhou com dedicação, pensando e esperando o dia em que tudo viria a ser seu. Um foi saiu de casa e o outro ficou, mas ambos viviam distantes do pai. O mais novo foi seduzido pelo prazer e partiu. O mais velho por vantagens, e ficou. Entre eles e o pai havia uma distância simbolizada pelos bens do pai. Para o pai nada valia mais que seus filhos. Ele queria ter ambos ao seu lado, mas mesmo o que ficou perto estava distante.

Há duas maneiras de estarmos distantes do Pai celeste: vivendo como queremos e fazendo apenas nossa vontade, simbolizada pelo caçula da parábola e vivendo como achamos que Deus quer, dedicados à Sua vontade, mas apenas interessados em Suas bênçãos. Aqui está o filho mais velho. Mas ser cristão é ser filho de Deus e desenvolver o mesmo coração amoroso, misericordioso e benevolente do Pai. É sempre voltar para casa após a rebeldia e, dentro dela, sempre resistir à tentação de agir por interesse. É celebrar com o Pai a volta do irmão, oferecendo braços e abraços, acolhendo-o em casa. É ficar em casa por causa do Pai e não por causa das benção do Pai. Assim é a fé cristã. Esse é o evangelho de Jesus.

*ucs*

QUARTA, 15 DE JULHO

NOSSAS MISÉRIAS

*"Caindo em si, ele disse: ‘Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti.” (Lucas 15.17-18)*

Um pai tinha dois filhos. O mais novo exigiu sua parte na herança e o pai o atendeu. Então ele foi embora pois acreditava que viveria de forma mais livre e feliz. Pascal disse que pessoa alguma empreende uma caminhada sem acreditar que ela o levará a um lugar melhor. Mas nem sempre estamos certos em nossas crenças. E aquele filho estava errado. Não era difícil perceber isso, mas quando estamos envolvidos temos dificuldade em ver o que os outros facilmente veem. Resultado: ele buscou o que acreditava ser o melhor, mas acabou na pior. Consumiu tudo e tornou-se um mendigo.

Há vários tipos de mendigo, porque há vários tipos de miséria. Há a miséria moral, a intelectual, a emocional, a vocacional, a material, a espiritual e outras. Todas elas são uma ameaça constante e as piores são as que ficam disfarçadas. A material é a que vemos mais facilmente e a espiritual, o contrário. As vezes só Deus a vê! (Ap 3.17) É terrível não enxergar a própria miséria ou acostumar-se a ela. As misérias podem nos alcançar, mas algumas serão consequência de nossas escolhas. Mas para sair é preciso “cair em si” e assumir a responsabilidade de agir. Normalmente não conseguirmos superá-las sozinhos, mas ninguém poderá nos ajudar se nós mesmos não nos ajudarmos, tomando as atitudes certas.

A miséria daquele filho era múltipla: material, emocional, moral... Uma miséria dificilmente anda sozinha. Mas ele “caiu em si”, enxergou suas misérias e assumiu suas responsabilidades. Trilhou seu caminho de volta e admitiu seus pecados. Levantou-se e foi. Quanto tempo demorou a jornada, quantas dúvidas ele teve no caminho... não sabemos. Misérias não nos deixam facilmente! Mas ele conseguiu: voltou para casa! Deus nos ajuda a enxergar, abandonar e superar nossas misérias. Mas precisamos “cair em si” e fazer o que nos cabe. Pode não ser fácil – e normalmente não é – mas valerá o esforço.

*ucs*

QUINTA, 16 DE JULHO

O MAIOR PODER PARA MUDAR PESSOAS

*“A seguir, levantou-se e foi para seu pai. "Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.” (Lucas 15.20)*

Por diversas circunstâncias de vida, as vezes acreditamos e agimos como se o poder da disciplina e do castigo fosse o caminho mais adequado para mudar pessoas.  Se alguém está agindo de maneira inadequada, pensamos que a punição é o melhor caminho para “consertar” o indivíduo. É certo que a disciplina tem valor e que a punição para os transgressores é parte da lei. Mas temos um grande problema, tanto como famílias, quanto como igrejas e sociedade: ignoramos o poder do amor e o usamos muito pouco.

Na parábola do filho pródigo, após arrepender-se e voltar para casa fracassado e em total miséria, aquele filho esperava que seu pai pelo menos o aceitasse como empregado. Sentia que não merecia uma segunda chance como filho e não tinha coragem para pedir isso. Mas o coração de seu pai era outro. Ele não havia esquecido o filho ingrato e irresponsável. Não o havia riscado da agenda. Ele ainda esperava recuperá-lo e o procurava com os olhos, esperando vê-lo um dia voltando para casa. E um dia isso aconteceu. Tão logo o rapaz surgiu na estrada, em lugar de friamente o esperar, o pai correu para o filho, o abraçou e beijou. O filho tinha a esperança de que seu pai lhe desse um lugar como empregado, mas seu pai o recebeu como um filho amado.

A parábola não conta o que aconteceu depois com aquele filho, se ele recaiu ou se endireitou-se de fato. Ela apenas mostra como ele foi amado por seu pai. E se o amor não foi capaz de muda-lo, o que mais seria? Afinal, não há poder maior para transformar pessoas que o amor. É por essa razão que Deus, o Todo Poderoso, amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho para morrer em favor do mundo! (Jo 3.16) Foi por amor que Jesus veio, não para condenar o mundo, mas para salva-lo. Deus nos tem amado como aquele pai ao filho pródigo. Se isso não nos mudar, nada nos mudará!

ucs

SEXTA, 17 DE JULHO

VIDA EM FAMÍLIA

*"O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!” (Lucas 15.28-30)*

Bons pais podem ter filhos maus, assim como pais maus podem ter filhos bons e honrados. Não somos um produto controlado pelo DNA que recebemos. As decisões que toma a respeito da própria vida e como enfrentamos as circunstancias nos definem. Na parábola do pródigo Jesus nos colocou diante de um bom pai que tinha apenas dois filhos e ambos pessoas difíceis. O mais novo é irresponsável e o mais velho, mesquinho. Ele é um bom pai, mas está sempre perdendo um dos filhos e tendo que lutar para recuperá-lo. Ele não é apegado aos próprios bens, mas seus filhos colocam os bens do pai como o mais importante, mais até que o próprio pai.

O filho mais velho ficou na casa do pai. Ele não foi tolo como o mais novo que irresponsavelmente desperdiçou sua parte na herança. Foi disciplinado e obediente, mas o tempo todo pensava nas recompensas, esperava receber os benefícios de sua fidelidade e talvez só tenha ficado visando isso. Então irou-se quando seu pai perdoou e celebrou a volta do irmão. Irou-se contra seu irmão ou contra seu pai? Contra seu pai a quem julgou como injusto. Ele nunca saiu de casa, mas irado não queria mais entrar. Talvez estivesse mais fora do que pudesse perceber, pois seu coração era muito diferente do de seu pai. Jesus está nos ensinando nuances da vida como cristãos.

Na família de fé, ou família de Deus como costumamos dizer, não é diferente. As bênçãos de Deus costumam interessar mais que o próprio Deus. Não há anjos. Somos todos seres humanos e nem sempre da melhor espécie. Criamos problemas o tempo todo. Hora é um, hora é o outro, mas certo é que não há inocentes. Enquanto estivermos por aqui não haverá. Mas melhora bastante na medida que amadurecemos. Na medida em que nosso coração aproxima-se do coração do Pai Celeste e o amor torna-se para nós o caminho preferido. Na medida em que somos mais cautelosos com nosso próprio coração e reconhecemos nossa fácil inclinação para o mal. Nosso Pai é Santo, Amoroso e Bom. Nós precisamos melhorar!

*ucs*

SÁBADO, 18 DE JULHO

LÁBIOS E CORAÇÃO

*“Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.” (Mateus 15.8)*

É mais fácil honrar com os lábios que ter o coração próximo a Deus, tanto quanto é mais fácil dizer as coisas certas do que viver de maneira certa. A repreensão de Jesus aos religiosos judeus é muito proveitosa para nós. Pois é mais fácil ir ao templo e dizer que fomos à igreja do que vivermos como igreja. É mais fácil cantar músicas cristãs e dizer que adoramos do que agir de maneira a adorar. E na era da informação é tão fácil ler coisas sobre Deus e fazer cursos de teologia, que podemos pensar que por isso conhecemos a Deus e podemos até ensinar e explica-lo às pessoas. Mas tudo isso é bem mais profundo do que temos feito parecer.

O teste para sabermos se nosso coração está próximo de Deus ou se apenas nossos lábios o honram não acontece em momentos de cultos em nossos templos e nem mesmo em nosso momento devocional. Em instantes como estes estamos, de certa maneira, em condições ideais. É fácil se comportar quando a luz está acesa. O teste vem em outros momentos e o mais importante deles é o tipo de atitude que temos com as pessoas. Familiares, amigos, desconhecidos, pessoas de outras raças, de todas as idades e também aquelas que nos parecem à margem: pessoas em mendicância, em prostituição, em prisão, escravizadas por vícios, etc. Enfim, todo e cada ser humano. Qual o valor do ser humano para nós?

Convencionamos pensar que o teste da proximidade com Deus é moral. Embora envolva nossa moral e ética, o verdadeiro teste é relacional pois o maior mandamento é amar Deus e ao próximo. Se dizemos: “eu amo a Deus”, mas não amamos o próximo, não amamos a Deus (1 Jo 4.20) e nem mesmo o conhecemos (1 Jo 4.8). O que nos distancia de Deus não são nossas falhas morais, mas nossa falta de amor. Precisamos abandonar nossas falhas morais e mudar de vida, mas não podemos falhar no amor. Sem amor tudo perde o valor (1 Co 13). Sem amor nossos lábios até podem honrar a Deus, mas nosso coração estará longe dele.

*ucs*

DOMINGO, 19 DE JULHO

COMO VOCÊ LÊ A BÍBLIA?

*“Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: ‘Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?’ ‘O que está escrito na Lei?’, respondeu Jesus. ‘Como você a lê?’” (Lucas 10.25-26)*

Responder uma pergunta com outra pergunta é uma forma muito eficiente de ensinar. Grandes líderes fizeram isso ao longo da história. Jesus respondeu a pergunta do perito da lei, não com uma, mas com duas perguntas. Aquele homem não estava sendo sincero com Jesus, queria apenas testá-lo. Mas Jesus o amou e sua dupla pergunta como resposta não era um troco dado às segundas intenções do professor. Ele queria toca-lo e desperta-lo para a vida e a vontade do Pai. Ele sabia muito sobre a lei, mas muito pouco sobre a vida.

“O que está escrito na lei?” foi a primeira pergunta-resposta de Jesus. A esta o homem responderia como um verdadeiro perito – no verso 27 lemos que ele respondeu citando o mandamento do amor a Deus e ao próximo. E acertou em cheio. Mas havia a segunda pergunta-resposta: “como você a lê?” Há uma diferença entre o que está escrito e como lemos. O professor disse o que estava escrito, mas Jesus o interrogou sobre como ele lia, como ele entendia e vivia a lei que tanto conhecia. A fé em Deus não faz sentido se apenas ocupa nossa mente. Precisa dirigir nossos pés e colocar nossas mãos em ação.

Como você lê as Escrituras? Há quem a leia e só encontra motivos para ser duro consigo mesmo e cheio e julgamentos para com os outros. Mas há também é inspirado a manifestar amor, misericórdia e perdão. Para encontrar vida nas Escrituras precisamos ir a ela em submissão ao Espírito de Deus. E se o fizermos seremos velados a Cristo e inspirados a imitá-lo em nossa vida diária. “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês têm a vida eterna. E são as Escrituras que testemunham a meu respeito; contudo, vocês não querem vir a mim para terem vida.” (Jo 5.39-40). Temos muitas Bíblias e muitos estudiosos e pregadores. O que faltam são pessoas que evidenciam que verdadeiramente encontraram vida em Cristo.

*ucs*

SEGUNDA, 20 DE JULHO

CONHECER A DEUS, CONHECER AO PRÓXIMO

*“Disse Jesus: ‘Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá.’  
Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’” (Lucas 10.28-29)*

Um perito da lei perguntou a Jesus o que deveria fazer para ter a vida eterna. Jesus então lhe perguntou o que a lei dizia e o homem foi preciso: ame a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. A conclusão de Jesus foi: “Isso mesmo! Basta fazer isso que você já sabe que deve fazer!” Então, para justificar-se, ele perguntou a Jesus: “Quem é o meu próximo?” Acho isso bastante interessante. Ele deveria perguntar quem é Deus, que ele não vê, nunca tocou, com quem relaciona-se apenas pela fé. Seria mais fácil justificar-se assim! Mas ele diz que não sabe quem é o seu próximo. E é bem provável que não soubesse mesmo.

Achamos que sabemos tanto sobre Deus e ao mesmo tempo somos ignorante sobre pessoas. Achamos que sabemos como lidar com Deus, o que Ele aprova e o que reprova, quem Ele aceita e quem Ele rejeita. Falamos em nome dele, usamos Sua autoridade! Mas conhecemos tão pouco sobre nosso próximo e nos calamos quando deveríamos falar em nome dele, em defesa de suas necessidades e direitos. Não o conhecemos pois não nos aproximamos o bastante para conhece-lo. Achamos que amamos a Deus enquanto falhamos no amor ao próximo. Mas o amor a Deus sem o amor ao próximo não existe. É um delírio religioso!

As Escrituras dizem que, se amamos a Deus e não amamos o próximo, somos mentirosos e a verdade não está em nós (1Jo 4.20). Pois, com afirmou João: “Quem ama a Deus, que ame também seu irmão” (1 Jo 4.21). E não podemos conhecer a Deus se não amamos uns aos outros. Se desconhecemos nosso próximo e lhe negamos amor é porque não conhecemos Deus e nem podemos conhece-lo. Deus se manifesta a nós quando amamos uns aos outros e então podemos conhece-lo e revela-lo. Ele permanece entre nós e aperfeiçoa em nós o Seu amor (1 Jo 4.12). Não conhecer muito a Deus é justificável. Mas desconhecer o nosso próximo é incompatível coma fé cristã.

*ucs*

TERÇA, 21 DE JULHO